

David Sassoli: Europa, Europa!

Daniela Marcheschi

Nascido em Florença em 1956, David Sassoli foi durante anos conhecido como o apresentador do programa de notícias na RAI 1 e de outros programas e emissões de sucesso na televisão italiana: um jornalista gentil com uma pronúncia clara e a sua própria medida ao lidar com os vários tópicos do dia. A mesma medida que ele trouxe à sua actividade política como Deputado e Presidente do Parlamento Europeu.

Se esta era a característica mais evidente do homem sério e digno que era, a nível político, Sassoli tem o mérito de ter agido como porta-estandarte de uma das melhores e maiores tradições de pensamento italianas: a que floresceu no século XIX, graças a Giuseppe Mazzini e Vincenzo Gioberti, e que deu mais frutos no século XX. Queremos dizer do *Manifesto de Ventotene*, o que *Para uma Europa livre e unida*, redigido por Altiero Spinelli e Ernesto G. Rossi, então em confinamento na ilha no Mar Tirreno, e que data de 1941; mas foi publicado em Roma, por Edizioni del Movimento Italiano per la Federazione Europea, em 1944, num terceiro rascunho e com prefácio de Eugenio Colorni.

Esta é a tradição que, desde o Risorgimento, sempre ligou estreitamente a luta pela libertação da Itália do domínio estrangeiro e pela sua unidade nacional com a construção de uma Europa constituída por Estados democráticos livres, dedicados à construção de uma paz duradoura.

De facto, Mazzini falou de *Giovine Europa* (“Jovem Europa”) em termos concretos, já em 15 de Abril de 1834, quando, após dois séculos e mais de utopias europeístas, criou uma associação supranacional para lutar contra os regimes

Daniela Marcheschi, Open University, Lisbon, Portugal, danielamarcheschi@libero.it

Referee List (DOI 10.36253/fup_referee_list)

FUP Best Practice in Scholarly Publishing (DOI 10.36253/fup_best_practice)

Daniela Marcheschi, *David Sassoli: Europa, Europa!*, © Author(s), CC BY 4.0, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3.12, in Michela Graziani, Annabela Rita (edited by), *Europa: um projecto em construção. Homenagem a David Sassoli*, pp. 111-113, 2023, published by Firenze University Press, ISBN 979-12-215-0010-3, DOI 10.36253/979-12-215-0010-3

absolutos, que, na altura, agiam contra a justa independência dos povos. Pouco importa que, a nível prático, os árduos esforços de Mazzini não tenham produzido os resultados desejados: eram demasiados, na altura, os «filhos do passado», como ele escreveu mais tarde (cfr. Pastore 1961, 27), que retardaram a sua acção. E Gioberti, apesar da diferença de abordagem política (o projecto ‘neo-guelfo’ foi logo abandonado), com o *Primato morale e civile degli italiani* (“O Primado Moral e Civil dos Italianos”), sublinharia em 1843 a importância da multi-culturalidade e multi-etnicidade da Itália do seu tempo como ponto fixo, essencial, para orientar outras nações no processo de construção de uma nova Europa, livre e respeitadora da ‘variedade’ de povos e línguas na ‘unidade’ das intenções cívicas.

O que queremos reiterar aqui é que o *Manifesto de Ventotene*, herdeiro dessa lição clarividente do século XIX, reafirmou a urgência de uma profunda «reforma da sociedade» e a necessidade de resolver a «crise da civilização moderna» para construir ou, melhor, *construindo* a «unidade europeia»: um estado federal, capaz de salvaguardar a liberdade e a justiça social, bem como as muitas peculiaridades nacionais de cada um dos estados membros.

Sassoli tem sido um intérprete apaixonado destes impulsos na sua função europeia, tanto como deputado (desde 2009) como Presidente do Parlamento. Desde o seu discurso inaugural de 3 de Julho de 2019, tem, de facto, reiterado como a União Europeia não teve origem num ‘acidente da História’, mas, sim, na partilha de acontecimentos comuns: a mesma História, feita de ‘dor’ e ‘sangue’ (termos de clara descendência ‘mazziniana’), marcada pela Segunda Guerra Mundial. Paralelamente, porém, um forte desejo de liberdade também se enraizou incessantemente: o mesmo desejo vital de Sophie Scholl (em 1941-1943) e dos que participaram na Revolta do Gueto de Varsóvia (Abril-Maio de 1943) ou na Primavera de Praga (Janeiro-Agosto de 1968). Em suma, estamos a falar de uma história em que a obediência a ditadores e regimes opressivos «já não é uma virtude», como ensinava o florentino Don Lorenzo Milani (cfr. Milani 1965), caro a Sassoli porque era inimigo do militarismo, da injustiça social e da discriminação.

A referência a tais personalidades e factos históricos foi proposta por Sassoli como um lembrete de que a ‘Europa’ não significa negar o amor natural pelo próprio país, mas sim introduzir na nossa sociedade um ‘antídoto’ eficaz contra a degeneração nacionalista, contra aqueles ‘vírus’ e conflitos destrutivos que o nacionalismo acaba sempre por desencadear.

Consistente com esse pensamento pró-europeu de que a cultura italiana se pode orgulhar, Sassoli sempre salientou a necessidade de respeito pela democracia, da qual nunca há necessidade suficiente, e pelas suas regras justas: as únicas que podem constituir uma barreira sólida a qualquer perigo de ‘balcanização’ da União Europeia.

Isto levou ao apelo de Sassoli a uma maior solidariedade europeia e ao avanço de propostas políticas concretas, tais como a criação de *eurobond* (euro-obrigações) ou o cancelamento das dívidas dos Estados para despesas de tempo pandémico.

A solidariedade para Sassoli significou algo para o qual existe um enorme sentido de urgência: uma luta mais decisiva contra a pobreza, mais respeito e espaço para as mulheres, maior e mais firme liberdade de informação, maior atenção pela Natureza.

Podemos dizer tudo: David Sassoli, intelectual e político europeu de língua e cultura italiana.

Referências bibliográficas

Milani, L. 1965. *L'obbedienza non è più una virtù*. Firenze: Libreria Editrice Fiorentina.
Pastore, M. 1961. *L'idea di una Giovine Europa in Mazzini*. Galatina: Editrice Salentina.